

Práticas Pedagógicas no Serviço de Educação Fundamental Noturno do Instituto Nacional de Educação de Surdos

Sala de aula, Espaço de Múltiplos Saberes...

Marise Porto Gomes

Não basta mais à educação construir o caminho caminhado; é necessário aprender a andar por caminhos incertos.
(Wanderley Geraldi)

Primeiras palavras

Depois de algum tempo como professora de crianças surdas em seu processo inicial de leitura e escrita me vi diante de um novo desafio...dessa vez, trabalhar com jovens e adultos surdos, também no 1º ano de escolaridade.

Esses estudantes chegaram à escola no ano de 2010. A turma era constituída por cinco alunos com idade entre 16 e 54 anos. Traziam consigo experiências diversas, porém uma situação em comum era explícita, nenhum deles utilizavam a LIBRAS. Comunicavam-se com gestos espontâneos e com oralidade pouco compreensível. Enquanto uns traziam para a sala de aula suas vivências cotidianas em família, em sua maioria ouvintes, outros apresentavam experiências do mundo do trabalho. Contudo, essas vivências denunciavam que não se percebiam como pessoas surdas, sua identidade surda não era constituída. Skliar (1998), quando fala do *ouvintismo – as representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se, e a narrar-se como se fosse ouvinte*, me auxilia a melhor compreender esses jovens e adultos surdos que buscaram por eles próprios ou por seus familiares, uma educação formal.

Apesar do meu olhar para o grupo, estava diante de um compromisso de construir, juntamente com eles, novos conhecimentos relacionados à leitura e escrita da língua portuguesa. Com base em uma perspectiva bilíngue na educação de surdos (Skliar, 1998; Freire, 1998; Svartholm, 1999 e outros) acreditava que a língua portuguesa era a segunda língua dos surdos e a língua de sinais sua primeira língua. Com base nessa perspectiva busquei iniciar o processo de aquisição da língua portuguesa (na modalidade de leitura e escrita). Porém, esses alunos não eram usuários da língua de sinais, língua pela qual iríamos negociar os novos conhecimentos.

Que lógicas poderíamos compartilhar? Por onde começar?

Minha atuação começou a ser desenhada após reuniões pedagógicas com a equipe do setor. Foi flexibilizado o fator tempo para o planejamento e teria como

interlocutora a assistente educacional, Lucimar, quase exclusiva para essa turma, tendo em vista o não uso por eles da língua de sinais. Dessa forma, a turma foi exposta a um modelo surdo, favorecendo assim a construção da identidade surda, o aprendizado da língua de sinais e, possivelmente, o aprendizado da leitura e escrita. Esses alunos participavam das aulas de língua de sinais, conforme prevista na grade curricular, das aulas de Artes, Educação Física, como também estavam vivendo o espaço escolar do INES, onde circula a língua de sinais.

O cotidiano da sala de aula

Aos poucos a interação foi acontecendo e logo já era observada uma cumplicidade entre os alunos, a assistente educacional e eu, professora da turma. A parceria com a assistente educacional Lucimar foi enriquecedora, era visível nos alunos o uso de novas estratégias de comunicação, a aproximação com a língua de sinais, construção de novos conceitos e a ampliação da bagagem linguística e de conhecimento de mundo. Esse cenário nos remete a Vygotsky (2003) quando afirmou que todo aprendizado é necessariamente *mediado* e isso torna o papel dos sujeitos envolvidos no processo mais ativo. *Na ausência do outro, o homem não se constrói homem.*

A equipe de professores das séries iniciais do noturno trabalhava a partir de projetos pedagógicos bimestrais, e cada professor trabalhava em consonância com os objetivos destinados ao respectivo ano de escolaridade da sua turma. No primeiro bimestre, não foi possível iniciar o projeto planejado e organizamos um subprojeto específico para a minha turma, intitulado: “O estudante, sua história e seus lugares de (con)vivência: escola, família, trabalho”, que teve a duração de todo o ano letivo.

No subprojeto, eu e Lucimar apresentamos o primeiro nome de cada aluno, data de nascimento (utilizando como textos a certidão de nascimento, carteira de identidade e demais documentos por eles apresentados durante a aula). Simultaneamente, ia introduzindo diariamente o estudo do calendário, dia, dia da semana, mês, ano, dias que tínhamos aula e finais de semana. Ainda no calendário, íamos marcando o dia do aniversário de cada um deles, da Lucimar e do meu. Combinamos organizar a festa de aniversário do aluno Avelino. Após a festa, construímos a linha de tempo de cada aluno e aproveitamos para discutir sobre quem tem mais idade, quem tem menos idade, as diferentes fases da vida, até chegar à fase que se encontram (adolescência/adulta). Apresentamos também o nome de todos os professores e profissionais que lhes eram mais próximos. Ainda nesse bimestre, fizemos uma visita ao Museu de Astronomia com todas as turmas do segmento. A partir do que vimos no Museu de Astronomia, comecei por situar, com a Lucimar, o planeta que vivemos, até chegar ao Brasil. Daí partimos para trabalhar a Copa do Mundo. Organizamos coletivamente nosso mural, com diversas informações, a partir do uso diário do jornal em sala de aula (levado por mim e pelos alunos) apresentei textos simples sobre os jogos do Brasil, propondo que escrevessem o nome dos jogadores que haviam feito os gols. Iniciamos uma coleção de figurinhas e eles iam preenchendo o álbum. Em relação ao uso do álbum, resolvi ousar! Esta atividade era originalmente organizada com alunos

pequenos e resolvi apresentar aos jovens e adultos, foi um sucesso! Os alunos das outras turmas passavam e viam seus colegas colando figurinhas e compartilhavam o momento. Pelos meus alunos, passariam parte do tempo da aula, colando os cromos. Isso só não aconteceu porque por trás do lúdico, havia uma proposta pedagógica clara e nossa combinação era abrir cinco envelopes por dia. Foi muito interessante observá-los... enquanto um colava e separava a parte de trás do cromo, outro aluno fazia a marcação das figurinhas já coladas no mapa geral do álbum, quase uma produção em série!

A cada dia a relação entre o processo de *ensinar e aprender* ficava mais agradável, estávamos diante do diálogo, da troca, da discussão coletiva, das construções... os alunos nesse momento do ano letivo já respondiam ao desafio da interlocução com a língua de sinais, contando-nos sobre situações cotidianas vivenciadas na escola e na vida, festas, namoros, passeios, enfim, já demonstravam o uso da língua de sinais. Tornava-se também visível que o uso da habilidade de leitura da língua portuguesa se apresentava timidamente na sala de aula e que a modalidade escrita ainda necessitava de novos aprendizados. Essa questão aqui apresentada nos remete aos estudos de Fernandes (1999) ao citar Revuz, 1998, ela nos diz que, *ao iniciarmos o estudo de uma língua estrangeira estamos diante de um não saber absoluto. O sentimento de impotência que experimentamos se deve em grande parte às inúmeras diferenças com as quais nos defrontamos, de ordem estrutural, que caracteriza essa língua. O bloqueio é inevitável à medida que a produção de significações só nos parece possível se estivermos ancorados em nossa língua materna*. E, assim, é necessário que esse grupo continue sua trajetória histórica na língua de sinais para poder significar o mundo e o aprendizado da língua portuguesa, nas modalidades de escrita e leitura.

Bibliografia

FERNANDES, Sueli. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**, 2^a ed. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 59-81.

FREIRE, Alice Maria da Fonseca. "Uma proposta de ensino de Português como segunda língua para o INES: uma experiência de pesquisa-ação". In Anais do Seminário: Surdez, Cidadania e Educação: Refletindo sobre os processos de Exclusão e Inclusão. Rio de Janeiro: INES. 19 a 22 de outubro de 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Angela B.(Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

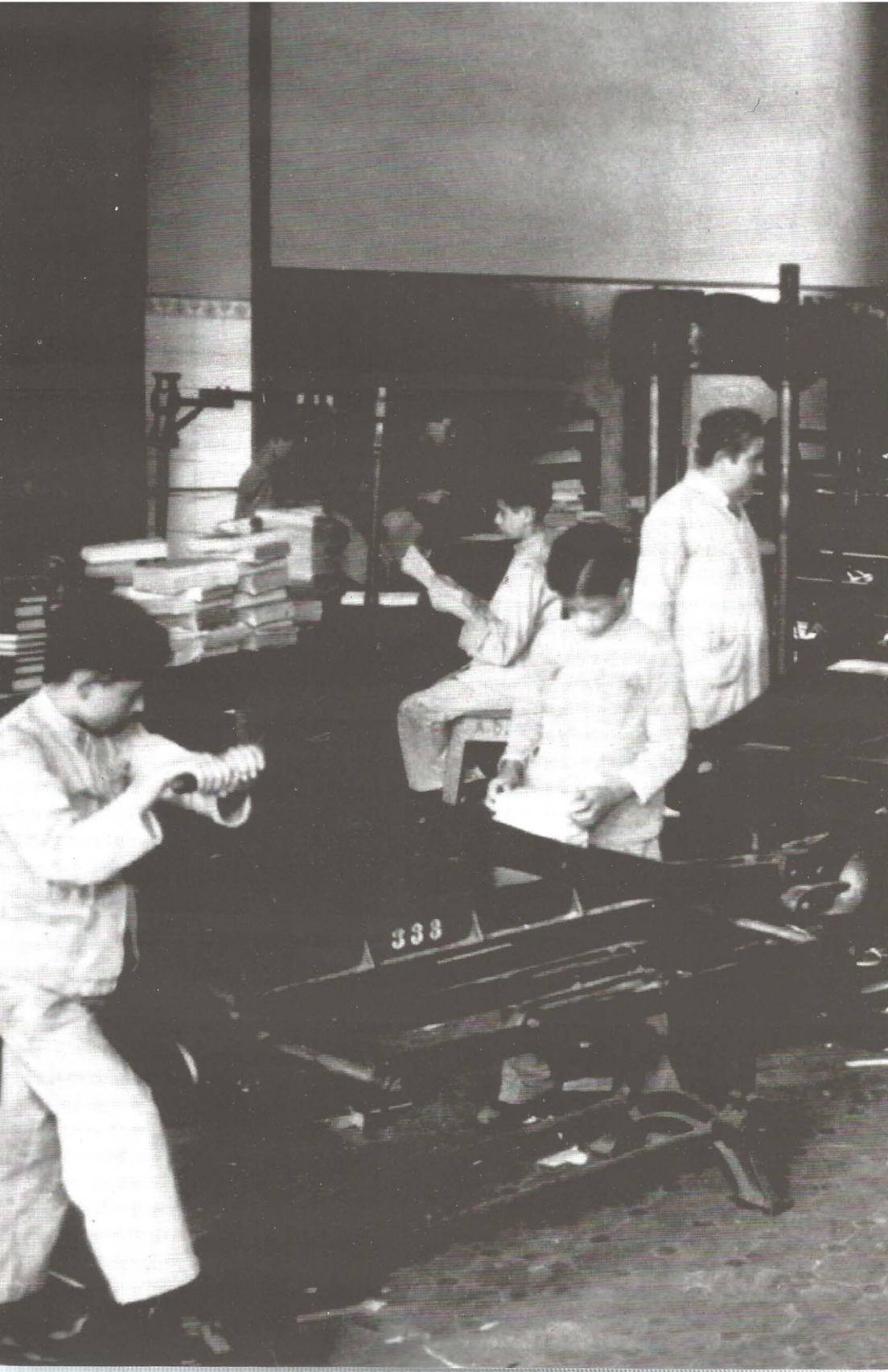
RIBEIRO Masagão M.V, VÓVIO Lemos C. e outros. **Educação para jovens e adultos – Ensino Fundamental – Proposta curricular – 1^o segmento**, 3^a ed. São Paulo/Brasília: MEC, 2001.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SVARTHOLM, Kristina. Bilingüismo dos Surdos. In SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**, 2^a ed. Porto Alegre: Mediação, 1999, p. 15-23.

VYGOTSKY, Lev. S. **Formação social da mente**, 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.





Realização

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Ministério
da Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA